

Joseph Beuys

Conversa entre Joseph Beuys e o Hagen Lieberknecht escrita por Joseph Beuys*

LIEBERKNECHT: O senhor conhece as fábulas em que as lebres aparecem? Na Irlanda, há fábulas desse tipo que remontam ao século VIII. E a lebre na maioria das vezes surge como uma figura espiritual que trabalha de um modo estranho, tanto a favor quanto contra os seres humanos. Uma outra história fala de uma mulher que queria ter filhos e não conseguia, até encontrar no brejo uma lebre que lhe providenciou então um filho.

BEUYS: A lebre tem algumas coisas em comum com o veado, mas tem uma especialização muito diferente com relação às forças do sangue. Não está ligada, como no caso dos veados, à parte superior do corpo, da cintura até a cabeça, mas remete mais para baixo. Então a lebre tem uma relação forte com a mulher, com o nascimento e também com a menstruação, e de um modo geral

Joseph Beuys

[Krefeld, 1921 — Düsseldorf, 1986]

Em 1936 Beuys ingressou na Hitlerjugend; em 1940, escreve em seu diário: "Bacharelado; torno-me soldado." Após a guerra, estuda escultura com Ewald Mataré na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf, formando-se em 1951. Em 1953 realiza sua primeira exposição individual, em Kranenbourg. Oito anos mais tarde, ingressa como professor na mesma Academia de Düsseldorf, onde conhece Nam June Paik, com quem vai participar, ao lado de George Maciunas, da preparação dos primeiros Festivais Fluxus na Alemanha (por exemplo, Sinfonia Siberiana, Festum Fluxus Fluxorum, em Düsseldorf, 1963).

O investimento estético de Beuys se dá em plena troca com sua biografia, de sua experiência na guerra e do acidente como piloto da Luftwaffe à atuação política que leva à criação do Movimento Verde e da Universidade Livre (1971), ligada à sua noção de escultura social.

O presente texto se inscreve no espírito romântico das ações de

* Trata-se de um composto entre *lieber* (caro, querido, amável) e *knecht* (criado), possivelmente para formar um nome próprio jogando com as palavras, ao modo dos personagens de Lewis Carroll. (N.T.)

Joseph Beuys e de sua visão da arte como regeneradora da sociedade contemporânea, do mesmo modo que os trabalhos *Eurasia* (1966); *Infiltration Homogen für Konzertflügel* (1966-84); *Dürer, ich führe persönlich Baader + Meinhof durch die Dokumenta V* (1972) e muitos de seus escritos, de "All men are artists" (1969) ao manifesto "Freie Internationale Hochschule für Kreativität und interdisziplinäre Forschung e.v." (Düsseldorf, 1974).

A partir de 1961 publica ensaios, conferências e entrevistas nos mais diversos veículos. Dentre suas últimas publicações, destacamos a entrevista com Enzo Cucchi, Anselm Kiefer e Jannis Kounellis, *Ein Gespräch* (Zurique, Parkett-Verlag, 1986. [Ed. fr. *Batissons une cathédrale*, Paris, L'Arche, 1988]), assim como a reunião de seus escritos por Max Reithmann em *Par la présente je n'appartiens plus à l'art* (Paris, L'Arche, 1988) e *Für die Hausbesetzer* (Stuttgart, Verein für Gemeinnützige, Gewerkschaftliche, Stadtteilbezogene Kulturarbeit/ WERK e.v., 1988). Para referências sobre o artista, ver a excelente pesquisa por Marion Hohlfeldt em *Joseph Beuys* (Paris, Centre Pompidou, 1994).

"Gespräch zwischen Joseph Beuys und Hagen Lieberknecht geschrieben von Joseph Beuys" O texto, publicado em *Joseph Beuys. Zeichnungen 1947-1959* (Colônia, Schirmer, 1972), foi indicado pelo arquivo de Joseph Beuys como a versão original da declamação do artista em sua ação *Wie man dem toten Hasen die Bilder erklärt* (Düsseldorf, Galeria Schmela, 1965). Uma outra versão foi publicada em inglês como "Statement on how to explain pictures to a dead hare" (in Caroline Tisdall, *Joseph Beuys*, Londres, Thames and Hudson, 1979).

com o conjunto das transformações químicas do sangue. É disso que se tratava aqui de maneira alusiva, do que a lebre torna visível para nós todos quando ela faz a sua toca. Ela se enterra. Assim temos novamente o movimento de encarnação. É isso que faz a lebre: encarnar-se fortemente dentro da terra, coisa que o homem só pode realizar radicalmente por meio de seu pensamento — esfregar, bater, cavar na matéria (terra); por fim penetra (a lebre) nas leis da terra. Nesse trabalho seu pensamento é aguçado e então transformado, tornando-se revolucionário.